

Proposta de Bresser reaparece no México

MILTON COELHO DA GRAÇA
Correspondente

LONDRES — “Não é uma ironia que o plano Bresser Pereira tenha sido rejeitado pelos Estados Unidos há três meses e agora reapareça no México sob patrocínio americano, depois que Bresser foi decapitado?” O banqueiro inglês que faz a pergunta enfatiza a palavra “depois” e, ainda sorrindo maldosamente, acrescenta: “a consequência mais importante desta nova versão das idéias de Bresser, carimbada pelo Tesouro americano, é que ela vai dividir os bancos credores. Os europeus são, por princípio, favoráveis à ação comum dos bancos e contrários a tratamentos diferenciados dos devedores.”

Todas as fontes bancárias ouvidas pelo GLOBO destacaram esse ponto: de agora em diante, o “leilão” dos bônus da dívida mexicana levará cada banco a colocar sua própria estratégia acima das decisões dos chamados **steering committees** (comitês de direção). Essa erosão da unidade dos bancos já vem ocorrendo ao longo dos cinco anos decorridos desde que a “crise da dívida” se manifestou, em 1982. Mas os 114 bancos que aceitaram o entendimento provisório com o Brasil mostraram, nessa decisão, que continuam acreditando na força de uma posição única e estão entre eles os maiores credores privados do Terceiro Mundo.

Quando o México oferecer seus bônus em troca dos “papagaios” atuais, dificilmente esses 114 bancos conti-

nuarão acreditando no lema “unidos venceremos”. Especialmente por ser óbvio que outros países devedores procurarão seguir o exemplo mexicano, mesmo sem a garantia do Tesouro americano. O pânico de um improvável mas eventual “cartel dos devedores” e o desejo de singularizar o México pelas boas relações que mantém com o Fundo Monetário Internacional e pela estabilidade de Governo levaram os Estados Unidos a detonar um novo tipo de negociação, que gera mais dúvidas e perguntas do que soluções.

Cada país terá um tratamento contábil e fiscal diferente para essa troca de papéis velhos por novos. Muitos bancos terão de propor mudanças de regras para poderem ser competitivos. Quando o México puser em leilão um lote de bônus, o lance feito por cada banco levará em conta o efeito dessa operação sobre seu lucro pós-imposto, a legislação sobre reservas etc.

Em artigo publicado pelo jornal “The Independent”, o professor Mike Faber, do Instituto de Estudos do Desenvolvimento afirma que, nos próximos dois anos, o “leilão” irá se tornando um instrumento cada vez mais usado pelos países devedores. Ele prevê que os devedores, ao invés de usarem grande proporção de seus ganhos de exportação para pagar juros, enquanto a dívida se torna cada vez maior, pagarão integralmente apenas as dívidas com instituições internacionais e os financiamentos para exportações. As disponibilidades em divisas que sobram serão

então leiloadas, isto é, serão pagos os credores que concederem o maior deságio sobre as dívidas.

Os banqueiros também especulam sobre o volume de bônus e as garantias que seriam necessários para permitir que os quatro grandes devedores da América Latina (Brasil, México, Argentina e Venezuela) pudessem viabilizar seus projetos de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, suportassem os encargos da dívida.

O México deve aos bancos quase US\$ 80 bilhões. Mesmo que o lançamento de US\$ 10 bilhões seja um sucesso e o País consiga retirar do mercado US\$ 18,5 bilhões de “papagaios” (as dívidas mexicanas, em média, são atualmente negociadas no mercado secundário com um deságio de 46%) o alívio será insuficiente.

O principal executivo internacional do Midland Bank, Herve de Carmoy, apresentou à chamada Comissão Trilateral um plano que exigiria US\$ 30 bilhões anuais, durante dez anos, para garantir o desenvolvimento dos 15 maiores devedores e a solução da questão da dívida. Desse total, metade viria dos Governos dos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão, um quarto do Banco Mundial e outras instituições multilaterais, e outro quarto dos bancos privados. Os US\$ 10 bilhões em bônus do Tesouro que os EUA ofereceram como lastro dos bônus mexicanos, para não serem apenas um *beau geste*, terão de se multiplicar cristãmente como pães para poder atender à fome dos devedores. E dos bancos.